



www.observatoriodacritica.com.br

Entrevista de José Miguel Wisnik

Revista Cult, Agosto de 2008

Disponível em:

<http://revistacult.uol.com.br/website/entrevista.asp?edtCode=OFC20C99-CF56-4F8C-8425-C026ADC05D4F&nwsCode=F13BA9F0-0192-4E31-991E-A5AA8F57E525>. Acesso em: 4 de março de 2010. (Entrevista na íntegra na edição da revista Cult de Agosto de 2008)

O futebol e o Brasil

Para uma compreensão mais justa da experiência brasileira em toda a sua complexidade é necessário pensar o futebol

Francisco Bosco

"Uspianista", como gosta de dizer, jogando com sua formação de pianista erudito (depois cancionista popular) e professor de literatura brasileira da Universidade de São Paulo, José Miguel Wisnik vem se dedicando, nos últimos anos, a pensar a experiência brasileira por meio da canção, da literatura e da relação entre elas. É certo que seus ensaios sobre a canção remontam à década de 1970 (quando já eram originais e seminiais sob diversos aspectos), bem como sua atividade docente na USP, mas foi talvez a publicação do livro Sem receita (Publifolha), em 2004, que permitiu ao leitor enxergar o caráter de reflexão sistemática de seus textos, que têm como horizonte a questão sobre a formação do Brasil, suas singularidades, seus feitos e fracassos, suas soluções e impasses. À altura do processo histórico em que nos encontramos, pareceu-lhe, acredito, que, para trazer à tona uma compreensão mais justa da experiência brasileira em toda a sua complexidade e ambivalência, era

necessário pensar o futebol. Veneno remédio : O futebol e o Brasil é um livro que faltava: uma obra que se propõe - e cumpre - nada menos do que pensar "a experiência total do futebol na vida brasileira". É dessa totalidade, onde figuram aspectos diversos e até contraditórios, que Wisnik extrai uma leitura aguda do Brasil, marcada por uma dialética sem descanso, onde cada estigma pode revirar em originalidade, e cada sucesso pode reverter a um fracasso. Em meio a uma série de compromissos e viagens, nacionais e internacionais, Wisnik atendeu gentilmente a um pedido da CULT e concedeu-nos a seguinte entrevista.

Francisco Bosco - Gostaria de começar essa entrevista com o que considero, talvez, a questão mais importante de seu livro. Peço licença ao leitor para formular uma pergunta um pouco longa. No último capítulo de Veneno remédio você estabelece uma relação entre os três clássicos da interpretação do Brasil das décadas de 1930-40, Casa grande & senzala, Raízes do Brasil e Formação do Brasil contemporâneo. Você lembra que, no primeiro, de Gilberto Freyre, o olhar se debruça sobre a vida privada; o terceiro, de Caio Prado Jr., é um estudo sobre a "empresa colonial" portuguesa no Brasil; e o do meio, de Sérgio Buarque, é um meio-termo, ou uma síntese tensiva, entre essas perspectivas privada e pública. Pois bem, uma virtude inequívoca do seu livro é a capacidade de pensar, simultaneamente, o macro e o micro, a democrática pelada na praia e o movimento do capital transnacional, os cálculos perversos do capitalismo e a experiência subjetiva que lhe é irredutível, em suma, o público e o privado. A pergunta que lhe faço é, portanto, a seguinte: até que ponto você acha que um olhar exclusivamente voltado para uma "teoria da dependência" - que não leva em conta nossas "originalidades culturais populares", isto é, "a sobra", "o excedente humano" da empreitada colonial - está capacitado a compreender o Brasil em sua complexidade e ambivalência?

José Miguel Wisnik - Quando li A utopia brasileira e os movimentos negros, de Antonio Risério, uma frase me "ferroou" particularmente, entre tantas coisas estimulantes e provocadoras que há no livro. Ele dizia que os três grandes clássicos da interpretação do Brasil, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque e Caio Prado Jr., estavam velhos e vencidos, a não ser que algo em nós tratasse de reencontrar neles uma vitalidade que nos diga respeito hoje (nos termos de Risério, a culpa desse anacronismo é nossa, que "não temos tido a disposição de mantê-los vivos para nós mesmos"). Eu estava escrevendo o último capítulo de Veneno remédio, e aquilo me concernia e me flagrava. Em matéria de "disposição", a minha era exatamente essa, a de procurar o lugar onde eles se atualizam. Risério não chegava a

dizer como se fazia esse movimento, no qual eu me via envolvido, às cegas ou não. Mais tarde, li a sua resenha do meu livro sobre futebol aqui na CULT, em que você - Francisco Bosco - começa citando exatamente a frase do Risério, sem saber que ela tinha me atingido a tal ponto. Agora, a frase retorna indiretamente no argumento da sua pergunta.

De fato, tomados isoladamente, os três clássicos da interpretação do Brasil podem soar, hoje, datados e distantes. Para complicar mais, eles parecem falar de três países diferentes e incompatíveis: num deles, somos "desterrados em nossa terra" (ver o primeiro parágrafo de Raízes do Brasil); no outro, somos um exemplo da mais perfeita integração em terras tropicais (ver a primeira frase de Casa grande & senzala); no terceiro somos, nem desterrados nem integrados, apenas um detalhe mal formado e atrasado na mundialização do capital que dá o "sentido da colonização" (ver o primeiro capítulo de Formação do Brasil contemporâneo). Continua sendo um desafio entender como esses "três países" puderam ser um só, e como essas três vertentes lêem o que ele é hoje, num movimento conturbado e irresolvido que ultrapassa seus intérpretes sem aboli-los nem poder dispensá-los. A meu ver, os três clássicos se encaixam em seus respectivos pontos cegos e luminosos, através dos quais um país complexo, maior do que todos nós, se manifesta e nos escapa.

FB - De que complexidade se trata, mais precisamente?

J.M.W. - Simplificando, pode-se dizer que para Freyre o Brasil é o "remédio" (a civilização mestiça nos trópicos, que resulta, de maneira algo espantosa, da família patriarcal perverso-polimorfa, em contexto escravista e sadomasoquista); para Caio Prado Jr. o Brasil é um "veneno" (uma empresa colonial periférica, amorfa e desconexa, voltada para o mercado europeu, redobrando o seu atraso e a sua desconexão sem projeto) e para Sérgio Buarque o Brasil é um "veneno-remédio" (o "homem cordial" a um tempo afável e truculento que mistura o público e o privado; a experiência coletiva fadada a perder-se com a modernização ou a nunca modernizar-se exatamente por não saber perder-se na sua superação; o povo anarcóide sem representação política e exposto aos golpes de quartel - ou, diríamos hoje, dócil à manipulação midiática e publicitária). São três paradigmas reconhecíveis: o dos dilemas da modernização brasileira, em Sérgio Buarque, que eu vejo igualmente no Macunaíma; o da crítica da dependência e do atraso, de Caio Prado Jr., tipificado pela sociologia uspiana; o do revirão gilberto-freyriano, que já tinha na verdade uma expressão mais radical na antropofagia oswaldiana, onde se admite o potencial quase milagroso dos horrores brasileiros como capazes de saltar

para o seu contrário (reconheço esse terceiro paradigma também em Darcy Ribeiro, em Glauber e no movimento tropicalista). O primeiro resulta da leitura weberiana do Brasil, que soa - por contraste com a ética protestante e o espírito do capitalismo - dilemática e ambivalente; o segundo calça as bases de uma leitura marxista antipopulista do Brasil, com ênfase nas classes e na dependência externa e interna (a análise do homem livre-e-dependente na ordem escravocrata); o terceiro cava um lugar em que o sadomasoquismo da nossa formação escravista e mestiça instaura uma particular permeabilidade na relação paródica e festiva com o outro. No campo sergiobuarquiano vigora algo assim como "a dialética rarefeita entre o não ser e o ser outro" (para aproveitar-se de uma formulação luminosa de Paulo Emilio Salles Gomes); no campo Caio Prado Jr. vigora a impossibilidade de ser outro numa sociedade medusada pelo mesmo, em que o sujeito autônomo não se constitui e na qual a única possibilidade de ser, da parte dependente, é espelhar-se naquela de que depende ou digladiar-se de forma estéril com os iguais; no campo freyriano e, mais, no oswaldiano, anuncia-se a capacidade, numa cultura mestiça e antropofágica, de ser o outro. (Eduardo Viveiros de Castro tem dado força expressiva a essa terceira perspectiva, com a sua análise do perspectivismo indígena e a sua definição do antropólogo como homólogo do antropólogo, cuja lei, enunciada por Oswald de Andrade, dispõe que estar em si é inseparável de colocar-se no lugar do outro, estendendo o alcance dessa análise à obra de Guimarães Rosa, em especial de "Meu tio, o Iauaretê".)

FB - Retomando, então, o núcleo da pergunta original, você acha que algum desses três paradigmas se basta para compreender o Brasil em sua complexidade?

J.M.W. - Como eu vinha dizendo, o realismo sociológico realça o atraso brasileiro, o negativo, a mesmice, e, na falta de outro, identifica-se com o "cronicamente inviável"; a antropologia utópica, que é também profética e artística, realça o efeito da diferença - os diferentes tempos culturais em choque e em interação como capazes de produzir acontecimento e de fazer uma sociedade inventar-se pela cultura (sem cair na ilusão de achar que essa invenção é mágica e faz-se por si própria, sem luta). E aqui chegamos finalmente ao ponto crucial de sua pergunta. Acho que nenhum dos três paradigmas se basta, e tanto menos quanto mais se achar bastante. As "idéias fora de lugar", conceito operativo criado por Roberto Schwarz na análise de Machado de Assis, segundo a linhagem Caio Prado Jr., por exemplo, não podem passar sem o "lugar fora das idéias" que dá a picada antropológica e psicanalítica no sociologismo. Nem João Gilberto, nem Pelé, nem o próprio Machado, nem música popular,

nem futebol, nem literatura no Brasil se fizeram sem esse reverso não-verbal, meio inconsciente, meio recalçado, meio intuitivo, meio evidente, que resulta da sociedade escravista e mestiça.

FB - Como pensar então esses paradigmas interpretativos no caso do futebol brasileiro?

J.M.W. - A marca sergiobuarquiana reconhecível no futebol brasileiro reside num dado indireto e aparentemente menor que, no entanto, é o índice inequívoco de sua singularidade: enquanto todas as seleções do mundo ocidental entram em campo representadas por sobrenomes, o Brasil desfila apelidos - Garrincha, Didi, Vavá, Pelé; Zizinho, Zico, Zito, Zinho; Dadá, Dedê, Dodô e Dudu. Os nossos heróis públicos precisaram ter a marca pessoal e "cordial" da familiaridade, são adultos-crianças nos quais Sérgio Buarque veria projetado o medo inconfessável da responsabilidade impessoal e objetiva, em suma, do defrontar-se com o real. Esse prisma oferece um crivo revelador para a leitura da catástrofe da Copa de 1950. Mas o enigma da sua ambivalência é o de que a síndrome infantilóide não impediu a surpreendente demonstração de maturidade viril, sem a qual não se conquistariam os títulos de 1958, 1962 e 1970.

O crivo Caio Prado Jr. ofereceria uma sociologia das torcidas, dos interesses clubísticos, do clientelismo da cartolagem, do trânsito espúrio dos interesses, da gestão atrasada e predatória dos recursos futebolísticos e financeiros, da mercantilização, da dissolução dos símbolos nacionais pelo capital, e a crítica dos mitos futebolísticos pessoais, nacionais e globais, na qual se incluiria a desqualificação de valores difusos como "ginga", "jeito de corpo", "molecagem". Tudo altamente pertinente e realista, identificando problemas cruciais, não fosse a necessidade de recalcar os componentes do futebol mais difíceis de reduzir à análise socioeconômica, a começar do próprio jogo. Gilberto Freyre foi o único que se interessou explicitamente pelo futebol, vendo na seleção brasileira da Copa de 1938 uma espécie de comprovação de suas teses em Casa grande & senzala e Sobrados e mucambos. É que a equipe assumidamente mestiça jogava, segundo ele, um futebol "curvilíneo" e "dionisiaco", amaciando e transformando o "anguloso" esporte britânico. O viés freyriano convida a uma original análise estética do futebol. Mas ele errou ao imaginar, como disse num prefácio a O negro no futebol brasileiro, de Mário Filho, que o desenvolvimento superior do futebol e da música popular erradicaria a violência potencial dos morros e os males da inconseqüência, do oportunismo e da malandragem brasileiras. Faltava-lhe um mínimo de Caio Prado.

Em suma, acho libertador, atualizador, e mesmo revolucionário abrir as fronteiras que cercam as interpretações clássicas do Brasil. Não se trata de um culto da ambivalência brasileira, mas de um reconhecimento dela que permita ultrapassá-la. É um exercício de maturidade nada fácil para quem se fecha na proteção fetichizada de seu tabu intelectual, ou para quem se abandona simplesmente à gangorra trivial e ciclotímica entre o tudo e o nada.

FB - O seu livro é também um livro sobre o mito Brasil, uma vez que o futebol é o lugar onde esse mito chegou a se realizar. Entendo por mito, aqui, não uma mentira, simplesmente, mas uma auto-representação que revela a um tempo um esboço e um inacabamento, um desejo e uma incapacidade. O "mito da democracia racial", por exemplo. Se o futebol chegou a realizar, dentro do campo, esse mito em sua plenitude - uma civilização lúdica, afetiva, mestiça, original e eficaz - você acha que o Brasil, como realidade social, está se aproximando ou se distanciando dele cada vez mais?

J.M.W. - Concordo com essa definição de mito como sendo não uma mentira a ser necessariamente desmitificada mas a expressão de uma virtualidade, de algo que dá mostras de poder ser, de uma dimensão que quer entrar na realidade, na forma de acontecimento que a transforma e a reinventa. Por isso mesmo relativizo a pretensão realista a esgotar a realidade. Sobre o papel do futebol no Brasil, Roberto da Matta disse interessantemente que foi ele, numa sociedade onde prevalece a desigualdade e o privilégio, e não a escola, a imprensa, o parlamento, o partido ou a igreja, que ensinou o princípio universal da lei igualitária segundo a qual todos partem do zero a zero para o confronto transparente das performances (mesmo considerando o papel do acaso, da "injustiça" inerente ao jogo, e de outras vicissitudes da vida). Assim, a grande escola informal do futebol e da música popular fez algo que as instituições têm dificuldade de fazer, ou estão aí para impedir que se faça. A pergunta: o Brasil está cada vez mais próximo ou mais distante das virtualidades que a cultura artística desvelou? Tenho dificuldades com esse "cada vez mais", seja em que direção for. O Brasil está vertiginosamente próximo e distante das virtualidades que sua arte desvelou. A distância é abissal: tenho a impressão que só neste mês o exército entregou três rapazes para serem trucidados por uma facção inimiga, a policia do Rio fuzilou patética, trágica e cruelmente uma criança a pretexto de perseguir bandidos (trazendo para as manchetes algo que acontece recorrentemente e surdamente nas favelas), uma quadrilha do colarinho branco foi presa duas

vezes e duas vezes libertada a mando do Juiz do Supremo, tudo ostentando estigmas antigos de maneira nova, ostensiva e galopante. A novela da vida pública parece ter se tornado a ópera grotesca da "dialética da malandragem", no sentido da confusão sinistra e caricata da ordem com a desordem. Ao mesmo tempo, esses temas vêm a público e há forças que se contrapõem, e tudo isso, ainda assim, não descreve suficientemente o Brasil. Sinto a partida em andamento, como um jogo difícil.

FB - Recentemente, uma jornalista disse que você é otimista, ao que você respondeu dizendo que sua perspectiva não é otimista nem pessimista, e sim trágica. Gostaria que falasse sobre isso.

J.M.W. - Uma posição afirmativa, mesmo quando não apologética, tende a ser lida como "otimista". Mas nada me garante que nada vá melhorar. Não tenho nenhuma certeza nem crença desse tipo. Só sei que eu não torço pelo pior. O que me acontece é que eu vi a beleza, a grandeza e a generosidade, com fartura, e acreditei. Isso para mim vale mais do que tudo.